

MANUEL FREDERICO PRESSLER

H O R I Z O N T E

Peça em 3 Actos

Lisboa, 18 de Abril de 1941

Esta peça foi representada pela primeira vez em 10 de Janeiro de 1942, no Teatro Nacional D. Maria II, com a seguinte

D I S T R I B U I Ç Ã O

Rita	Amélia Rey Colaço
Ludovina	Lucília Simões
Rosa	Maria Lalande
Maria	Beatriz Santos
Lucinda	Meniche Lopes
Angelina	Maria Clementina
Manuel Firmino	Robles Monteiro
Chico Borrêgo	Raul de Carvalho
Zé Bicho	Vital dos Santos
Jerónimo	Augusto Figueiredo
Domingos	Pedro Lemos
Felismino	Virgílio Macieira
Gregório	Mário Santos
Rebôcho	José Cardoso
Joaquim Firmino	Igrejas Caeiro
António Firmino	Mmanuel Gaio
Jacinto	Francisco Costa
Zé Gaitas	Henrique Santos

A acção passa-se no Ribatejo - Actualidade

1ª A c t o

Um terreiro à saída da casa de Manuel Firmino. A casa está à direita, tendo em primeiro plano a porta de acesso principal e, em segundo plano, uma janela. Sobre a porta um alpendre, que é sustentado por dois ferros seguros por blocos de cantaria, e enfeitado com trepadeiras que saem de vasos espalhados perto da casa.

Saídas à esquerda baixa e esquerda alta. Entre estas saídas, uma capoeira, simples vedação de rede e estacas de madeira, aonde estão galinhas, frangos, etc. Perto da capoeira uma árvore. Perto da porta de casa, um banco de pedra.

Ao fundo, a todo o comprimento da scena e prolongando-se para fora, dos dois lados, um muro com um metro e oitenta centímetros de altura. Junto ao muro e em toda a sua extensão, um degrau, com trinta centímetros de altura, praticável. Em cima do degrau os personagens vêm e falam para a estrada que passa a um nível inferior ao do terreiro. Quando o pano sobe, a scena está deserta. Muito pouca luz. É madrugada. O dia começa apenas a clarear. Chilrear de pássaros e barulho de chocalhos na esquerda alta, fóra. Um galo canta. Outros respondem ao longe.

A porta da casa abre-se e entram em scena Joaquim e António. Trazem espingardas e cartucheiras. Joaquim fuma. António Come um bocado de pão. Atravessam a scena em direcção à esquerda alta por onde saem. Ouve-se um assobio prolongado. Um cão ladra. Logo a seguir à saída dos dois, Rita entra pela direita. Com uma das mãos segura um balde e com a outra um regador. Pousa estes dois objectos junto da capoeira e vae ao fundo. Sobee para o degrau e olha para a estrada na direcção da esquerda.

Rita

O! Jequim!... O! Toine!....

Joaquim

(Fóra) Ah! Temos aqui!

Rita

Cêdo sairem vocês hoje?!

Joaquim

(Fóra) A' áprovêtar a fresca! Vamos p'r'ã mata das Funtainhas!

Rita

Ena tã longe! Têm qu'andar!

Joaquim

(Fóra) A vêr se chiguêmos antes do sol quente!

Rita

Nã tarda qu' aquêça!

Joaquim

(Fóra) Inté logo !

Antônio

(Fóra) Adês ô Rita!

Rita

Inté logo! Nã vênhan tarde p'ra nã arreliar o pai!

Joaquim

(Fóra) Iss' è o que nos ha de ralar a nós! Antes d'amanhẽ temos cá!

(O ladrar do cão afasta-se. Os chocalhos do rebanho aproximam-se)

O Pastor

(Fóra) Bum dia menina Rita !

Rita

Adês ó Pinguinhas. Proqu' é, que levas essa ovelhinha ó colo?

O Pastor

(Fóra) Nã pode andar.

Rita

Tá alêjada?

O Pastor

(Fóra) Foi onte ó atravessar a vila, o cão do sê Zé Lagarto que le ferrou os dentes n'uma perna!:

Rita

Nã l'amandaste uma cacetada na cabeça?

O Pastor

(Fóra) Cande dê por isso já tinha abalado.

Rita

Olha lá ! Cande passares na Rebêra do Canavial, dize ó Zé Gaitas que me vênha falar; tẽnho cá recado p'ra êle. Anda c'os homes n'amanha

das terras.

O Pastor

(Fóra) Sim senhor, lá derê. Inté despois!

(O barulho dos chocalhos desaparece pela direita. Rita desce e dirige-se à capoeira aonde entra.)

Rita

Ora tēham todos munte buns dias! Já tavam à minha espera p'los vistos!.... (atira milho) Ena pai da vida.' tá tudo chiinho de fome ! Parece que nã cõmin ha uma semana ! (Enxota uma galinha) Eh! lá!... Assim nã vale, sua lambarêra! Chega p'ra todos! Nã precisas picar os mais!.... E tu?! A cande è que começas a pôr?!.... É só incher o papo e nada de dar rendimento, nã é?! Nã tá certo!... (grande chilrear dos passaros) Eh! Passarada miúda !....Buns dias!. Bom dia de trabalho!.... Mas nada d'ir ós figos, sês malvados, qu'essa ladroêra pode sair-les cara! O pois nã digan que nã n'os avisê! (Sempre dentro da capoeira começa a varrer e desaparece. O sol começa a nescer e a scena está iluminada por luz rosada.

Manuel Firmino entra, saindo de casa. Em mangas de camisa, colete, camisa abotoada nos cós e sem colarinho. Cabelo grisalho e matacões tambem grisalhos. Espreguiça-se, boceja, e fica um momento imóvel a ouvir a voz de Rita que, ainda fóra de scena, está a cantar "Minha mãe me deu um lenço".)

Manuel

Rita!.... Oh Rita!

Rita

(Fóra) Senhor!

Manuel

Anda cá, pariga !

Rita

(Fóra) Lé vou já ! (Entra. Sae da capoeira e dirige-se a Manuel)

A sua bençan, pai!

(Beija-lhe a mão)

Manuel

(Fazendo-lhe uma festa na cabeça) Dês t'acumpanhe, filha! Tás

hoje munte alegre ?

Rita

Tirando-le hoje tã sempre assim !

Manuel

A cantar logo p'la manhã cêdo

Rita

Acordê bem desposta. O tempo tá belo

Manuel

Tá belo! Tá belo! (Vae ao fundo) Mas vae apertar nã tarda ! O calor anda bravo!..... (aponta para a esquerda) Olha o sol! Inda vem hoje mais vermêlho do qu'a ontem !

Rita

(Com entusiasmo) Ena ! Tã lindo ! ... Parece um brazêro no alto da serra!

Manuel

(Sorrindo) a tua serra.....

Rita

Minha e dos mais ! Dos que tãem olhos p'r'á vêr, calha bem !

Manuel

Tua, mais que dos mais ! Tu é que tãens o gêto de tares horas e horas a olhar p'ra ela ! Já de piquena que sempre assim te conheci..... C'os olhos no alto dos montes, munte séria, imbevecida, a scismar.... O qu'é que tu lá vês qu'os outros nã vêem, ó Rita ?

Rita

Nã vejo nada, senhor !

Manuel

Ora ! Nã vês agora ! Atã tu cuidas qu'ê acredito qu' é sin mais rezão que te perdes a olhar p'r'aqueles montes pardacentos ?

Rita

Tãho gosto n'isso !

Manuel

Que tãens gosto n'isso já é sabia, calha bem ! Mas o qu'ê te digo a ti, é qu'alguma coisa tu lá vês qu'os mais nã vêem.

Rita

Nã vejo nada!

Manuel

Dezia à tu ti Antoninha que dês têm, que cande te botavas a olhar p'r'aquelas serras, era cume s'olhasses p'ra dentro de ti propria, cume s'inxergasses a tua propria alma.... E atão que te punhas a vêr coisas, a scesmar, ó lá cum'ê qu'ela dezia.....

Rita

Maluquêras !

Manuel

Seran maluquêras, s'assim queres; mas tamêm ê gostara d'as têr..... Gostara de sentir assim cume tu sentes (Um tempo. Transição) Os tês irmãos já sairem, tá bem de vêr ?!

Rita

Sairem inda antes qu'a mim !

Manuel

Tá visto! ... Se fôsse p'ra trabalhar nã saian eles tã cêdo.... E a tua irmã? Qu'ê d'ela a tua irmã Rosa ?

Rita

Inda tava a dromir cande m'alevantê!

Manuel

A dromir, hein ?! Pois sã n'as horas de tar acordada (vai à D.B.) Rosa! Rosa!

Rita

Dêxi-a dromir, pai ! Ind'ê piquena !

Manuel

Piquena ó quê?! Na idade d'ela já tu trabalhavas cume trabalhas agora! Nã crio as filhas p'ra fedalças !

Ludovina

(Aparece á porta de casa.) Tavas a chamar, ó Manel?

Manuel

(Irritado) Tava, sim senhor, tava! Pergunta lá á tua filha Rosa s'inda acha cêdo p'ra s'alevantar ?!

Ludovina

Credo, home ! Cuidê que tinha acuntecido alguma coisa !

Manuel

(Irritadissimo) E atão ?! Achas pouco ?! (Movimento de Ludovina pa-

ra sair) E esse café que nã demore ! Sin comer nã sô gente !

(Ludovina sae. Um tempo. Transição) Afinal, quem me vale és tu, ó Rita ! Se nã fôras tu, o qu'havera de ser de mim !.... Os tês irmãos nã sérvin p'ra coisa nenhuma. Só sábin caçar. Nã sábin mêmo fazer mais nada, benz'--ós Dêus ! Cria um home dois filhos, dois calmêrões cum' ós meus, p'r' ándarin todo o sante dia a caçar!... A caçar ! Tá boa essa!.... Na vadiage ! Poi tá visto!.... Na vadia-ge é qu'eles andan ! Tamêm, dêxa que te diga, que talvez sêja p'lo melhor!

Rita

Cand'eles cá tan o pai tá sempre a moê-los.

Manuel

A moê-los, eu ?! Tamêm tá boa! Olha! A moê-los!..... Pois s'eles nã sábin fazer nada! P'ra qu' é qu'eles sérvin, dize lá?!

Rita

Sã sês filhos.....

Manuel

Antes nã fossin ! a vregonha da minha cara é qu'eles são ! Dois matulões que nã sábin de gado, nã sábin de lavoura, nã sábin de coisissema nenhuma ! Nin quérin saber qu' é o qu' a mim mais m'arrelia!.... Cum eles nã posso cuntar ! A tua irmã, saiu franzina, tamêm pouco préstemo têm.... A tua mãe é o qu' a gente sabe.... É a coisa mais estúpeda que Dês prantou cá n'este mundo !

Rita

Credo, pai ! ... Nã diga heresias !

Manuel

É assim mêmo ! é a verdade !... Aqui na casa, quem s'aprovêta és tu e eu! O resto ? ... Era melhor que nã tevesse nacido!

Rita

Nã fale assim, pai ! Nã fale assim ! Inté le ficam mal essas palavras na sua bôca !

Manuel

Atão que têm ?! Atão que têm ?!.....

Rita

Fico chiinha de tresteza cande l'oiço esses dezeres !